

LEITURA E LEITORES VIRTUAIS EM LÍNGUA ESPANHOLA: UM ESTUDO A PARTIR DE INQUÉRITOS E PROTOCOLOS

Cristina de Souza Vergnano-Junger (UERJ)¹

Resumo: Nosso atual estudo se fundamenta nas conceituações sócio-interacionais e enunciativas de leitura e nas recentes pesquisas sobre letramento digital. Tem como sujeitos-informantes professores e estudantes universitários de espanhol e como campo de coleta de dados o âmbito de um projeto de extensão de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Tal projeto oferece um centro de recursos (bibliográficos, informáticos, de áudio e vídeo) a esse público que, portanto, tem diferentes oportunidades de exercitar seu processo leitor. Além da constituição de perfis leitores através da coleta de dados por questionário, nossa pesquisa objetiva descrever as estratégias empregadas nessa leitura via computadores e Internet, utilizando protocolos escritos. Consideramos a composição de instrumentos como uma etapa metodológica imprescindível a estudos empíricos que trabalhem com coleta de dados junto a sujeitos informantes. Neste artigo, propomos problematizar a questão do rigor metodológico desde a etapa preliminar a essa coleta de dados, como uma necessidade para o desenvolvimento satisfatório de qualquer estudo empírico. Exemplificamos a questão com a metodologia de elaboração dos questionários que estamos compondo para a coleta de crenças e práticas leitoras em espanhol como língua estrangeira mediadas por computadores e Internet.

1) Introdução

As *tecnologias da informação e comunicação* (TIC) vêm abrindo caminho a uma interação interpessoal mais ágil e sem fronteiras, ganhando espaços em diferentes ramos da sociedade urbana moderna (CASSANY, 2000). Na educação, manifestam-se no ensino à distância, ou como fonte de recursos para aulas presenciais, inclusive no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LE).

Isso tem motivado discussões e pesquisas sobre a leitura e escrita em meio virtual, por suas características peculiares em comparação às práticas equivalentes em papel (CASSANY, 2000. GOULART, 2005. PINHEIRO, 2005. RIBEIRO, 2005. GUIMARÃES, 2008. VERGNANO-JUNGER, 2008.). Os recursos que os computadores oferecem são responsáveis por potencializar usos e ferramentas difíceis ou impossíveis de aplicar em suportes impressos. Um dos aspectos mais destacados é o fato de a escrita virtual ter o hipertexto como uma característica constitutiva, com a conseqüente fragmentação e não linearidade dos processos leitor e de escrita.

Nos últimos seis anos, vimos desenvolvendo e orientando estudos voltados a descrever e discutir a inserção e o desenvolvimento do processo leitor no ensino de espanhol como língua estrangeira (E/LE). Recentemente, devido à motivação gerada pelo contexto da

¹ A autora, docente da UERJ, possui bolsa PROCIÊNCIA da universidade, na qual desenvolve projeto de pesquisa na área de compreensão leitora, coletando dados de informantes através de questionários e protocolos, tema deste artigo.

produção e compreensão textual mediadas pelas TIC, decidimos focar nas pesquisas a descrição e as implicações de tal mediação (VERGNANO-JUNGER, 2008. GUIMARÃES, 2008. DORIA & VERGNANO-JUNGER, 2008. GUIMARÃES & VERGNANO-JUNGER, 2008). Ou seja, como se lê em língua estrangeira em ambientes virtuais.

Em nossa pesquisa, especificamente, optamos por uma metodologia empírica, por entendermos que a observação sistemática das práticas de leitura e o contato com os sujeitos do processo leitor nos oferecem dados relevantes para analisar o problema em pauta. Como instrumentos, adotamos o questionário e os protocolos escritos de monitoramento de leitura. Para analisá-los, seguimos uma abordagem mista, quantitativo-qualitativa, a fim de privilegiar tanto os dados numéricos e objetivos, quanto aqueles obtidos por uma explanação discursiva de nossos sujeitos informantes.

Neste momento, encontramos-nos na etapa prévia à coleta de dados, durante a composição dos instrumentos de coleta. Por isso, este artigo se dedica não a apresentar resultados, mas sim a discutir questões metodológicas inerentes a essa classe de estudo.

Apresentamos, para isso, uma breve revisão dos aspectos teóricos sobre leitura e textos digitais, que subjazem à pesquisa e embasam a elaboração dos referidos instrumentos. Depois, passamos a problematizar a questão da metodologia científica e sua importância nos estudos empíricos em linguística aplicada, exemplificando a discussão com os passos que vimos seguindo em nosso próprio trabalho.

2) Revisando alguns conceitos: leitura e textos digitais

A leitura tem sido encarada sob diferentes perspectivas ao longo da história (CAVALLO & CHARTIER, 1999). Em termos de sistematização científica, foram descritos três modelos no século XX, cada um deles centrado em determinado elemento do processo. Assim, inicialmente, quando o foco recaía sobre o texto, com preocupação voltada para a forma, o domínio de vocabulário e estruturas, tendo o autor e seu escrito como autoridades, observamos um modelo de processamento de texto unidirecional, ascendente e decodificador. Em oposição a esta ótica, surgiu, em meados do século passado, uma abordagem psicolinguística, centrada no leitor, em sua bagagem de conhecimentos e capacidades mentais. O processamento ainda se manteve unidirecional, mas substituiu sua direção ascendente por uma descendente. Por volta dos anos setenta, entendeu-se que o processamento não era unidirecional, e, sim, bidirecional, conjugando tanto o que o texto trazia como contribuição, quanto a bagagem do próprio leitor, num movimento de negociação de significados, num

modelo conhecido como interativo (KLEIMAN, 1996).

Esse modelo interativo, posteriormente, vê-se incrementado com uma perspectiva social. Esta considera, para o estabelecimento de significados, além do que pode ser tomado das direções ascendente e descendente de processamento da informação sintetizadas naquele modelo, também o contexto social do texto, da leitura e dos sujeitos envolvidos (autor e leitor). É o que denominamos, hoje, uma visão sócio-interacional de leitura (NUNES, 2005). A leitura caracteriza-se, pois, de acordo com tal perspectiva, como uma atividade complexa, que envolve aspectos cognitivos dos sujeitos e, enquanto processo, se constrói pela interação, mediada pelo texto, num contexto social específico. Importam os objetivos com que se lê; as experiências do leitor com a leitura; os papéis sociais envolvidos no processo; o entrelaçamento dos vários discursos que percorrem o texto; o discurso do escritor e o do próprio leitor para uma atividade de significar o que é lido (BAKHTIN, 1997).

Pode-se acrescentar a esse panorama da leitura a perspectiva enunciativa, que assume o ato de ler como um processo de enunciação que envolve sujeitos inseridos sócio-historicamente no mundo (MAINGUENAU, 1996). Tal visão compartilha o posicionamento dialógico proposto por Bakhtin.

Ao longo de nossos estudos sobre compreensão leitora em língua estrangeira, pudemos observar que os vários modelos aqui brevemente descritos acabam reorganizando-se em dois posicionamentos². Ou seja, os informantes de nossas pesquisas, ao falarem de suas crenças e práticas sobre o processo leitor, mesmo apresentando uma postura eclética e heterogênea, assumiam uma tendência voltada ou para o processamento unidirecional de leitura, ou para um que chamaremos multidirecional. Em outras palavras, o foco da atenção de alguns dos docentes contactados recaía sobre o leitor, ou sobre o texto, de forma a priorizar apenas um dos dois, ou alternar a preferência em diferentes situações. Já, outros informantes apresentaram aspectos em suas respostas ao questionário que se incluíam, em sua maioria, tanto em uma perspectiva sócio-interacional, quanto em uma enunciativa.

Isso significa que parece haver uma divisão no que se refere às crenças sobre o processo de ler. Por um lado, há uma tendência, embora em menor grau, para tratar a leitura como uma atividade que implica apenas uma direção no processamento da informação. E, nesse caso,

² Referimo-nos a duas pesquisas que procuraram estudar o contexto e a inserção da leitura em língua espanhola em graduações de Português-Espanhol do Rio de Janeiro. A primeira foi realizada apenas com informantes do Grande Rio e fez parte de nossa pesquisa de doutorado concluída em 2002. A segunda, desenvolveu-se com uma bolsa de pesquisa da UERJ, de 2003 a 2006, envolvendo docentes universitários de todo o estado do Rio, atuando em graduações de Português-Espanhol (VERGNANO-JUNGER, 2008).

não importa se a ênfase recai sobre o texto ou sobre o leitor, mas sim que apenas um caminho é escolhido de cada vez. Por outro, há um grupo de leitores e formadores de leitor que parecem coincidir em que a leitura é um processo complexo, que envolve diferentes níveis de processamento da informação e o entrecruzamento de aspectos relacionados ao texto em si, ao leitor, ao tempo e espaço que ambos ocupam, aos diferentes discursos que intervêm naquela enunciação etc. Sendo assim, optamos por assumir dois procedimentos básicos de leitura: um *unidirecional*, cujo foco se volta para apenas um dos elementos envolvidos no processo de cada vez; e outro *multidirecional*, que reconhece e aplica uma rede de interações para construir sentidos enquanto se lê.

A partir da segunda metade do século XX vimos em nossa vida cotidiana crescer e difundir-se a presença dos meios computacionais na sociedade moderna, em especial na urbana. Enquanto novo suporte para difusão de dados, informações, conhecimentos e ideias, contribuíram para o surgimento de formas próprias (ou reformulações de antigas) de estruturar a linguagem, manipulá-la, formar textos. De igual maneira, a inovação provoca mudanças nas relações e práticas sociais, incluída entre elas a da leitura (RIBEIRO, 2005. GOULART, 2005).

Talvez a mais notável revolução em termos de interação e intercâmbio linguístico que estejamos experimentando esteja sendo gerada pela Internet. Surgida, na segunda metade do século XX, como uma forma de comunicação restrita ao meio militar e científico, para unir pesquisadores distantes, ela se popularizou a partir dos anos 90, ao ganhar domínio público. Um dos aspectos técnicos que contribuiu para sua maior acessibilidade foi a criação da interface gráfica e da estrutura de *hiperlinks* da *World Wide Web* (WWW) (ARAÚJO & RODRIGUES, 2005). Através desses *links*³, o leitor pode, então, navegar de documento em documento, sucessivamente, a partir de um ponto inicial, ali colocado pelo autor de uma página de Internet visitada.

Dessa constituição hipertextual das páginas e textos da Internet deriva o caráter não-linear da leitura digital. A liberdade de escolha dos caminhos de acesso aos textos e os *links* para novos hipertextos fazem do leitor um co-participante na criação dos textos (PINHEIRO, 2005). Embora assumamos que o leitor é um sujeito ativo na compreensão leitora em geral, entendemos que os limites físicos da página impressa reduzem em parte sua atuação, no sentido das escolhas de trajetórias que pode fazer. Na leitura dos hipertextos, pode compor

³ Enlaces que ligam infinidades de documentos contendo textos, sons, vídeos e imagens, acessíveis com apenas um clicar do *mouse*.

seu texto unindo outros vários, dentro das opções de *links* de um *site*, ou de novos *sites* que visite numa sessão de consulta à Internet. Essa liberdade, no entanto, pode chegar a comprometer a leitura, se o leitor se perder nas possibilidades de consulta e não retomar o objetivo a que se propôs inicialmente (RIBEIRO, 2005. PINHEIRO, 2005).

Outra das características desse suporte digital é a presença de som, imagens e vídeos somados à palavra escrita para compor mensagens: a multissemiose (PINHEIRO, 2005). O processo leitor deve considerar, portanto, na construção de sentidos diferentes linguagens e as formas de acesso a cada uma delas. Não se trata de uma riqueza de acessórios ao texto verbal escrito, mas de uma forma de composição de mensagens que recorre à variedade de manifestações para constituí-las. Em muitos casos, são símbolos e códigos para o acesso à informação e a diferentes documentos: como, por exemplo, os *emoticons*⁴; desenhos estilizados e simplificados de “casas” que indicam o ponto principal ou de partida de determinada trajetória (*home*), entre outros.

Uma dificuldade derivada, no entanto, dessa riqueza do meio virtual é a fragmentação da que pode tornar-se vítima seu usuário. Sem objetivos claros ou a percepção da mudança dos mesmos ao longo do processo leitor, é possível verificar-se uma perda de coerência interna na navegação. Ou seja, a fragmentação provocada pelos múltiplos acessos a documentos, seu caráter não-hierárquico (não há um necessário grau de importância entre os materiais enlaçados por *links*) e a não-linearidade da leitura podem confundir e dificultar a proposição de sentidos que atendam às demandas do próprio sujeito leitor (RIBEIRO, 2005. PINHEIRO, 2005).

Como fator positivo, os recursos da Internet acrescidos da facilidade de acesso a pessoas de todo o mundo, em tempo real ou em situações assíncronas de comunicação, levam a uma possibilidade de interação sem precedentes, abrindo diversas possibilidades em termos educacionais (GOULART, 2005). No caso do ensino-aprendizagem de LE, cria espaços de interação com usuários nativos do idioma estudado e acesso às mais variadas informações/produções nessa língua, antes limitados aos recursos que chegassem fisicamente ao país onde residiam os estudantes.

A Internet também vem sendo utilizada, no âmbito do ensino de línguas, como uma importante fonte de recursos didáticos – textos, imagens, fragmentos de áudio e vídeo (GUIMARÃES, 2008). Isso representa um instrumento relevante na prática educativa, devido

⁴ Os *emoticons* são desenhos de carinhas estilizadas ou outros objetos (lábios, corações, por exemplo), às vezes animadas, que manifestam estados de espírito dos participantes de interações por e-mail, em fóruns etc.

à sua variedade e praticidade. Mas cabe ressaltar a necessidade de estar atentos a questões como validade da informação, idoneidade e autenticidade da fonte e dos efeitos da transposição didática⁵ desse material a uma situação social totalmente distinta: a realidade de ensino-aprendizagem em sala de aula (VERGNANO-JUNGER, 2008).

3) Contexto geral da pesquisa: caracterização e campo

Como se deduz da explanação teórica anterior, a caracterização da leitura como um processo sócio-interacional complexo e como enunciação implica uma atenção voltada para a ação dos sujeitos coenunciadores e para o contexto em que se desenrola sua interação. Também elementos como os suportes de transmissão dos discursos e os papéis sócio-históricos das pessoas e da linguagem afetam as concepções que podemos ter sobre a leitura, a forma de encará-la e ensiná-la/aprendê-la.

Cada vez que surge uma inovação tecnológica que imprime mudanças nas relações sociais, portanto, costuma haver igualmente reflexos na linguagem e no ensino-aprendizagem. A presença crescente da Internet em nosso cotidiano, os gêneros emergentes do novo suporte computacional, as formas que vão surgindo de interação entre os membros de nossas sociedades, levam-nos a buscar descrever, entender e refletir sobre os processos de produção de sentidos, entre os quais se encontra a leitura. A educação, com todos os atores nela envolvidos, é um dos contextos sociais afetados pelas inovações tecnológicas, em especial aquelas relacionadas diretamente à linguagem. Por isso direcionamos nosso estudo para o âmbito educacional, com sujeitos docentes e estudantes universitários, futuros professores, enfocando o processo leitor e a mediação do computador no ambiente virtual da Internet.

Ler e escrever são atividades culturais e sociais. Não nascemos com elas. Temos que aprendê-las e desenvolvê-las da mesma forma que outras tecnologias. A escola é o lugar privilegiado para essas práticas, embora não estejam circunscritas exclusivamente ao meio escolar. E, porque ler ocupa uma grande parcela das esferas da vida urbana em sociedades letradas, é importante que na escola haja um investimento no aperfeiçoamento crítico dessa prática, voltada para a vida em sentido amplo, não apenas para o trabalho escolar.

⁵ O termo foi proposto por um professor de matemática Chevallard (1985) no que se refere à transposição dos conhecimentos da ciência matemática à sala de aula, como objeto de ensino. No âmbito das línguas estrangeiras, assumimos tal transposição tanto como a transferência do conhecimento científico linguístico ou gramatical à situação de objeto de estudo escolar, como ao uso de textos retirados de suas realidades sociais cotidianas e levados à sala de aula com a finalidade de mostrar esta prática, didaticamente. Optamos por considerar tais textos, a partir de então, como didatizados, ainda que não tenham sofrido alterações de forma ou conteúdo (GUIMARÃES & VERGNANO-JUNGER, 2008)

Professores são orientadores e mediadores no processo de aprendizagem de seus alunos. Se a questão é contribuir para o desenvolvimento do seu processo leitor, então, faz-se necessário entender como esses professores veem a leitura e como a praticam. Daí, seria possível avançar em direção à reflexão sobre como eles provavelmente a ensinariam. Incluímos nesse contexto também as relações que vão sendo construídas nas interações mediadas por computador e na navegação pela Internet.

O Brasil ainda não pode ser considerado digitalmente letrado de forma plena, mas a presença de computadores no nosso cotidiano está em crescimento. Por isso, poderíamos assumir que vivemos um período de transição dos modos de leitura impressa para os modos virtuais. Os professores de E/LE, mesmo não utilizando os recursos informáticos para aulas de forma *on-line*, recorrem com frequência à Internet como fonte de materiais para levar às suas salas (textos, imagens, vídeos, áudio) (GUIMARÃES, 2008). Esses recursos acabam, muitas vezes, aplicando-se em atividades que envolvem de alguma forma a leitura. Isso nos motiva ainda mais a refletir sobre todo esse contexto de processo leitor, ensino de E/LE e utilização das TIC.

A literatura sobre o tema da leitura digital vem sendo produzida de forma cada vez mais frequente. No entanto, em nossas revisões dessa literatura, não temos encontrado descrições específicas dos processos cognitivos e procedimentos estratégicos que se estão construindo para a leitura e interação com o computador. Não resta dúvida de que as opções de múltiplas trajetórias através de diferentes hipertextos virtuais, a necessidade de fixar objetivos de forma mais precisa e de lidar com diferentes linguagens têm sido relatadas nos artigos mais recentes. No entanto, temos interesse na descrição mais detalhada dos processos que estão em construção na mente e na prática do usuário leitor de textos digitais, durante sua atividade leitora. Refletindo sobre as estratégias clássicas de leitura⁶, nos perguntamos até que ponto estas se mantêm quando mudamos do suporte impresso ao digital. Se sofrem alterações, questionamos de que caráter seriam, como afetariam o processo como um todo e em que se mantêm similares à leitura impressa. Estas questões somam-se, então, aos argumentos e à contextualização da prática leitora na sociedade urbana e letrada moderna para configurar nosso interesse e relevância do tema que propomos como objeto de estudo: o processo leitor

⁶ Temos como alguns exemplos: a elaboração de hipóteses, sua testagem, comprovação ou rejeição; a hierarquização da informação nos textos; a associação entre imagem e palavras, *skimming*; *scanning*; associação entre texto e conhecimentos de mundo do leitor, entre outras (COLOMER & CAMPS, 2000).

em língua estrangeira mediado por computador e Internet. Também justifica os sujeitos escolhidos: docentes universitários, pois formam futuros professores, e seus estudantes, que num futuro, serão formadores de leitores.

4) Desenho metodológico: a problemática da elaboração de instrumentos de coleta de dados

A escolha do âmbito educacional, em especial envolvendo professores, como campo de pesquisa já foi caracterizada e justificada no item anterior. A partir desse contexto, fixamos como objetivos gerais para nosso estudo: (a) descrever os perfis de leitores professores e estudantes universitários de espanhol; e (b) discutir os procedimentos leitores em E/LE mediados por computador e realizados por esses sujeitos.

Acreditamos que a melhor maneira de alcançar nossas metas seja adotando uma abordagem empírica, observando a realidade da prática leitora mediada por computadores em ambiente educacional. Dispomos de facilidade para contactar um público docente e de estudantes universitários de espanhol em um centro de recursos didáticos da língua espanhola localizado numa instituição de ensino superior (IES) do Rio de Janeiro. Em função disso, atendendo a objetivos e a um desenho metodológico empírico, escolhemos trabalhar com a coleta de crenças e práticas desses leitores, usuários do referido centro, que se disponham a participar do estudo.

Para realizar a coleta de dados, os instrumentos que consideramos privilegiados foram: o questionário e o protocolo escrito. No primeiro caso, objetivamos construir perfis leitores na situação de mediação por computadores a partir de crenças que cada sujeito informante tece sobre sua prática e seus conhecimentos da matéria. No segundo, propomos descrever a sua efetiva atividade leitora, com base nos registros que esses mesmos informantes deverão fazer em fichas-protocolos, cada qual voltada para determinadas estratégias e conteúdos.

Ao contrário das considerações que, numa perspectiva ingênua, leigos e iniciantes no mundo da pesquisa possam tecer sobre ambos os instrumentos, seu desenvolvimento e implementação não são rápidos ou fáceis.

Questionários devem ser organizados especificamente para atender os objetivos da pesquisa alvo, cuidando, porém, de adequar-se ao perfil do respondente (MARTÍNEZ OLMO, 2002). O fato de estarem excessivamente complexos ou, ao contrário, muito óbvios pode gerar rechaço por parte dos informantes. Há também uma série de perguntas de ordem pessoal, que, por causarem embaraços levam à não-resposta. Da mesma forma, é importante

tanto cuidar para que não faltem questões que ofereçam dados relevantes para o estudo, quanto evitar que sobrem perguntas desnecessárias, tornando o instrumento pesado de responder. O que aparentemente pode considerar-se como contraditório é a prática aconselhável de elaborar algumas redundâncias nas perguntas de um questionário. Isso pode, no entanto, dar ao pesquisador a possibilidade de confirmar posicionamentos de seus informantes ou de comprovar se houve falseamento na apresentação de alguns dados.

Além da propriedade, clareza e adequação do instrumento, cabe estabelecer a melhor maneira de distribuí-lo e como as perguntas serão formatadas. Quanto à distribuição (FREITAS ET. AL., 2000), esta pode ocorrer via correio ou Internet, de acordo com opções de tempo e custos, mas costuma contribuir para um alto índice de não-resposta. Uma alternativa é coletar as respostas diretamente, através de uma entrevista pessoal feita por um dos membros da equipe pesquisadora. Cabe a este anotar as respostas. Isso garante maior índice de participação, mas também demanda maior tempo e disponibilidade tanto de entrevistadores quanto de entrevistados.

No que se refere ao formato das questões, as opções por perguntas fechadas e objetivas (sim-não, múltipla escolha, grau de aceitação por meio de escala de *Likert* etc), pelas abertas discursivas, ou pelas semi-abertas dependem do desenho da pesquisa, do que se pretende medir/coletar, da abordagem de análise (quantitativa, qualitativa ou mista) e do público respondente (MARTÍNEZ OLMO, 2002).

Tendo tudo isso em mente, nosso processo de pesquisa, após as revisões bibliográficas do estado da arte sobre leitura e novas tecnologias, partiu para uma revisão dos instrumentos organizados nos últimos cinco anos para as pesquisas que desenvolvemos ou orientamos. Pudemos observar diferentes tipos de questionários, tanto em termos de formatação, como de proposta de análise e meio de distribuição. Com base em nossos objetivos, já explicitados ao princípio deste capítulo, do público que escolhemos como informantes, dos resultados de estudos anteriores e das dificuldades em obter retorno do material enviado, tomamos as seguintes decisões:

- a) Optamos por assertivas acompanhadas de graus de aceitação, segundo a escala de *Likert* (ver Anexo B), com 5 níveis (não concordo, concordo pouco, concordo parcialmente, concordo muito, concordo totalmente), para observar as crenças dos informantes sobre suas habilidades leitoras, afinidade com os computadores e Internet, conceitos de leitura que adotam e sobre seus hábitos leitores em língua espanhola (gêneros, tipologias

textuais, assuntos, finalidades, frequência).

- b) Os questionários serão aplicados no centro de recursos, quando os informantes estiverem ali presentes para utilizar seu acervo e computadores, por um dos membros da equipe de pesquisa, dentro das condições estabelecidas pelo Termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo A).
- c) As assertivas são listadas sucessivamente, sem indicação de tema específico para cada uma delas. Isso se faz para evitar direcionamento das respostas. Mas, para efeito de análise, os pesquisadores têm um mapeamento das questões segundo áreas temáticas: conceito de leitura do informante; descrição de suas práticas leitoras; domínio das especificidades do texto digital e dos mecanismos do suporte informático; relação entre leitura, Internet e ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira, que também serve como roteiro na criação do instrumento (Anexo C).
- d) Todo o questionário requer, antes de sua efetiva aplicação, uma etapa de validação (neste caso) das assertivas. Normalmente, isso pode ser feito com a leitura crítica por especialistas das áreas teóricas do estudo. No entanto, para garantir a pertinência das afirmações, minimizando o tempo requerido no processo, optamos por retirá-las de obras acadêmico-científicas publicadas e já consagradas sobre leitura e novas tecnologias (sejam livros ou artigos). Só o faremos com aquelas que se caracterizam como conceituais, uma vez que as relacionadas à prática leitora e de uso de computadores são difíceis de encontrar em tais fontes. Com isso, obtemos assertivas adequadas e reconhecidamente corretas quanto ao seu conteúdo, independente da linha teórica que enfoquem (já que podemos ter acesso a diferentes correntes teóricas nessas publicações).
- e) A etapa de validação da adequação aos sujeitos e da confiabilidade dos itens se mantém, sendo realizada por meio de um piloto e de análise estatística.

No momento, encontramos-nos na fase final de elaborar as assertivas que atendam a esses blocos temáticos, dentro da dinâmica descrita nos itens acima. No Anexo B, exemplificamos como se estrutura o questionário seguindo a escala de *Likert* de cinco pontos. Seu conteúdo se relaciona a bases teóricas existentes na literatura específica da área, mas apresentar uma forma simples, direta, em linguagem mais cotidiana, tanto para evitar ambiguidades na compreensão dos itens e direcionamento das respostas, como para favorecer a prontidão para respondê-las. Ou seja, mesmo utilizando obras de referência como suporte

para colher as afirmações, essas são adaptadas em sua redação, para manter coesão e clareza.

Após a etapa de composição do questionário se procederá ao piloto com um primeiro grupo de informantes. O piloto fornecerá as bases para as adequações finais do instrumento e sua viabilização de aplicação na etapa definitiva do estudo. Nesse caso, os informantes poderão, além de responder diretamente às questões propostas, oferecer comentários, críticas e apresentar suas dúvidas. Tais procedimentos favorecerão os ajustes necessários.

Assim como os questionários, os protocolos passam por diferentes etapas de produção. Protocolos podem ser orais ou escritos. Em nossa proposta, se constituem em fichas de acompanhamento do processo leitor, preenchidas pelos informantes, em função de seus procedimentos durante leituras mediadas por computador.

Há protocolos de *verbalização simultânea*, que recolhem os dados durante a leitura em si; outros de *verbalização retrospectiva*, que coletam dados imediatamente após a leitura ser finalizada e, finalmente, os de *verbalização refletida*, aqueles que falam da leitura do informante de maneira geral e não de uma atividade leitora em particular (LEFFA, 1996). Optamos pelo primeiro tipo, por acreditarmos que refletirá mais objetivamente os caminhos e procedimentos leitores de nossos informantes. Na verdade, no questionário, ao propormos como um dos blocos temáticos a “prática leitora”, já contemplamos a *verbalização refletida*. Como também realizaremos um piloto do monitoramento leitor, admitimos a possibilidade de alternar *verbalizações simultâneas* e *retrospectivas*, caso observemos que o primeiro caso acaba por complicar a leitura do informante, em função das interrupções para preenchimento da ficha.

Somente começaremos a elaboração dos protocolos após a conclusão da validação do questionário. Mas já temos claro que devemos contemplar um ou dois procedimentos por vez, justamente para evitar a excessiva fragmentação do processo leitor. Dessa forma, por exemplo, numa sessão de leitura, observaremos os gêneros escolhidos, ou a intertextualidade, ou a inferência de léxico. Nosso objetivo, contudo, é mapear o *modus operandi* de cada informante, descrevendo-o e, se possível, identificando perfis.

Como o suporte informático potencializa alguns aspectos já observados nos suportes impressos, como a hipertextualidade ou a relação entre imagem e texto verbal, partiremos de estratégias cognitivas já descritas para a leitura impressa. No entanto, à medida que as observações forem avançando, iremos incorporando especificidades do meio digital que se façam necessárias.

Em termos de critérios de análise, concluídas as coletas, propomos estratégias mistas de análise, incluindo tanto abordagens qualitativa quanto quantitativa.

Os dados coletados através do questionário, pelas características do instrumento composto utilizando escala de Likert (NUNNALLY & BERNSTEIN, 1994) com 5 pontos, exceto nos itens compostos apenas por opções dicotômicas, por exemplo, “sim/não”, serão analisados quantitativamente, num primeiro momento. Os resultados dessa análise inicial oferecerão subsídios para avaliações qualitativas com relação à caracterização dos sujeitos.

A análise quantitativa dos dados terá como principais finalidades: (a) garantir ao máximo possível a validade do instrumento de coleta de dados e (b) identificar grupos estatisticamente diferentes segundo alguma variável de classificação. A confiabilidade de cada escala (dimensão) será avaliada por meio da estatística alfa de Cronbach (NUNNALLY & BERNSTEIN, 1994). A consistência interna de cada subescala será avaliada usando as técnicas de análise fatorial. Testes de hipóteses *t-Student* e análise de variância – ANOVA – (NUNNALLY & BERNSTEIN, 1994) serão as técnicas estatísticas básicas usadas para a comparação de grupos de participantes da pesquisa que diferem segundo os perfis de leitura mediada por computador.

Com relação aos dados obtidos através dos protocolos escritos de monitoramento de leitura, uma vez que se constituirão de anotações dos informantes sobre as estratégias por eles utilizadas, serão analisados através de abordagens qualitativas. A natureza dos protocolos levará os informantes a gerar textos curtos, fragmentados, composto de palavras, sintagmas nominais, ou frases breves. Isso porque oferecerá tabelas com etapas do processo leitor (pré-leitura, leitura e pós-leitura), indicações de estratégias e procedimentos utilizados em cada caso e os espaços correspondentes para comentários. Nelas, o leitor irá anotando, enquanto lê ou utiliza os recursos (computadores ou materiais impressos) no ambiente utilizado para a coleta dos dados, aspectos que lhe causaram dificuldades, soluções encontradas, atitudes tomadas. Como o fará simultaneamente à atividade leitora, é esperado que suas anotações sejam, de certa forma, telegráficas. Por isso, as primeiras técnicas de análise escolhidas foram as que se apoiam em palavras-chaves, não descartando a possibilidade de uma expansão para análise do discurso.

Propomos, portanto, iniciar o trabalho com três procedimentos combinados: a) correspondência de padrão; b) categorização e c) análise qualitativa de conteúdo (LANKSHEAR & KNOBEL, 2008). No primeiro caso, o objetivo é observar o conjunto dos

dados, buscando padrões no processo leitor (teoria e conceitos subjacentes) e solução de problemas, segundo os procedimentos descritos pelos informantes. Partiremos de uma conjugação entre os pressupostos teóricos sobre a matéria e os elementos que forem surgindo da prática dos leitores em estudo.

No segundo caso, esperamos utilizar essas informações, já com padrões detectados, para estabelecer categorias de procedimentos leitores em função de estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas.

Por fim, usaremos a análise qualitativa de conteúdo para completar a descrição do processo. Nesse momento, será possível enriquecer as observações com procedimentos de análise do discurso de base enunciativa, analisando, também, os papéis assumidos pelo leitor ante a pesquisa, os pesquisadores e o ato de ler (suas finalidades, relações com seu trabalho e estudo etc). Cabe destacar que, após o trabalho de análise dos dados coletados através de ambos os instrumentos, realizaremos um cruzamento das informações obtidas em cada caso, procurando estabelecer conexões entre as crenças e depoimentos dos informantes sobre leitura (questionário) e seu efetivo fazer (a prática da leitura monitorada).

5) Considerações finais

Nossa breve revisão teórica sobre leitura e TIC permite-nos afirmar que nos encontramos num momento de transição, de reorganização de padrões de leitura e escrita. Por isso mesmo, vêm crescendo os estudos voltados à discussão, descrição e exploração das relações que se estão estabelecendo social e linguisticamente mediadas por computadores. Incluímos nosso estudo nesse contexto e o caracterizamos tanto como descritivo quanto como exploratório.

Os objetivos que traçamos e problemas que propomos discutir levam-nos a optar por um desenho empírico de pesquisa, coletando os dados diretamente junto a sujeitos-informantes, durante a realização de suas práticas leitoras mediadas por computadores, em ambiente educacional. Estamos ainda numa fase de composição de instrumentos de coleta de dados. Mas acreditamos que a relevância de levar à divulgação nosso desenho metodológico desde esse momento reside na reflexão crítica sobre a complexidade que representa desenvolver pesquisas dessa natureza. Resultados confiáveis e significativos para o meio acadêmico-científico a partir de estudos empíricos requerem etapas longas, sistemáticas e trabalhosas de preparação. A metodologia em si, já representa um resultado a contribuir para futuros trabalhos.

Neste artigo, apresentamos em linhas gerais a revisão teórica que subjaz à proposta de desenho metodológico que apresentamos. Igualmente, detalhamos de forma sintética o momento em que nos encontramos e os passos que seguimos até aqui, bem como o que ainda constitui as próximas etapas de preparação para a coleta de dados.

Referências

- ARAÚJO, Júlio César & RODRIGUES, Bernadete Biasi. A Natureza Hipertextual do Gênero Chat Aberto. In: ARAÚJO, Júlio César & RODRIGUES, Bernadete Biasi (Orgs.). *Interação na Internet – novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro, R.J: Lucerna, 2005.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec., 1997.
- CASSANY, Daniel. De lo analógico a lo digital. El futuro de La enseñanza de La composición. *Revista Latinoamericana de lectura*. nº 21, 2000.
- CAVALLO, G. CHARTIER, R (org). *História da Leitura no mundo ocidental 2*. São Paulo: Ática, 1999.
- COLOMER, T. CAMPS, A. *Enseñar a leer, enseñar a comprender*. 1. Reimp. Madrid: Celeste Ediciones/MEC, 2000.
- DORIA, Nívea Guimarães; VERGNANO-JUNGER, Cristina de S. COMPREENSÃO LEITORA EM E/LE DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM UM FÓRUM DE DISCUSSÃO ON- LINE: A PESQUISA PILOTO. Intercâmbio (CD-ROM), v. XVII, p. 420-443, 2008.
- GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. En: COSCARELLI, C. V. RIBEIRO, A. E. (org). *Letramento digital; aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: CEALE, 2005. p. 41-58.
- FREITAS, H. OLIVEIRA, M. SACCOL, A. Z. MOSCAROLA, J. O método da pesquisa survey. *Revista de Administração da USP*, v. 35, n. 3, Jul.-Set 2000, p. 105-112.
- GUIMARÃES, Mônica de Castro. VERGNANO-JUNGER, Cristina. Transposição didática: a passagem de textos do ambiente virtual aos livros didáticos de espanhol. SANT'ANNA, V. L. de A. VERGNANO-JUNGER, C. FERREIRA, A. M. C. (orgs). *Hispanismo 2006: língua espanhola*. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius/ Associação Brasileira de Hispanistas, 2008, p. 533-539.
- GUIMARÃES, Viviane Mendonça de Menezes. *Professor e Internet: um olhar crítico e investigativo*. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Letras, 2008. 107 páginas mimeo. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Letras – Área de Concentração Linguística.
- KLEIMAN, Angela. *Leitura: ensino e pesquisa*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1996.
- LANKSHEAR, Colin. KNOBEL, Michele. Pesquisa pedagógica; do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LEFFA, Wilson. A pesquisa em leitura – Análise de protocolos. *Aspectos de leitura; uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARTÍNEZ OLMO, Francesc. *El cuestionario: un instrumento para La investigación de las ciencias sociales*. Barcelona: Laertes, 2002.

NUNES, Myriam Brito Corrêa. Visão Sócio-interacional de Leitura. *Oficina de Leitura Instrumental: Planejamento e Elaboração de Materiais; coletânea de documentos*. Rio de Janeiro: IPEL/PUC-Rio, 2005. [Artigo 02; publicação em CD-ROM]

NUNNALLY, Jum C., BERNSTEIN, Ira H. *Psychometric Theory*. 3 ed. New York: McGraw-Hill, 1994.

PINHEIRO, Regina Claudia. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. ARAÚJO, J. C. RODRIGUES, B. B. (org) *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. COSCARELLI, C. V. RIBEIRO, A. E. (org). *Letramento digital; aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: CEALE, 2005.

VERGNANO-JUNGER, Cristina. Lectura e Internet: su inserción en la enseñanza de español como lengua extranjera *Segundo encuentro regional y primero nacional e internacional de español como lengua extranjera (ELE)*. Bogotá: ASCUN/ EnRedELE, 2008. p. 1-20 [Arquivo em CD-ROM].

_____. Leitura e espanhol como língua estrangeira: interseção de pesquisas que discutem o ensino aprendizagem. In: ANDRÉ, Rhina Landos Martinez. CATHARINO, Suely Cândida (Orgs.). *Estudios Hispánicos: Lengua española y literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

Anexos:

A. Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) Professor(a) universitário(a),

Você está convidado(a) a participar, voluntariamente, da pesquisa *Interleituras: Interação e compreensão leitora em língua estrangeira mediadas por computador*, através da resposta a um questionário e da participação em sessões de monitoramento de leituras mediadas por computador. Leia, por favor, atentamente as informações a seguir antes de dar o seu consentimento.

A pesquisa tem como objetivos: (a) descrever os perfis de leitores professores e estudantes universitários de espanhol; e (b) discutir os procedimentos leitores em E/LE mediados por computador, realizados por esses sujeitos.

- Caso você participe do nosso estudo, não haverá nenhum tipo de risco envolvido, nem de remuneração ou titulações. Ressaltamos que esta pesquisa se desenvolve no âmbito do Setor de Espanhol do Instituto de Letras da UERJ, tendo sido antes submetida ao Departamento de Neolatinas.
- A sua participação neste estudo é voluntária. Mesmo que você decida participar, tem plena liberdade para se retirar do processo a qualquer momento.
- Você pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar, assim como a qualquer momento durante o preenchimento do questionário e sessões de monitoramento. Para isso estarão disponíveis os membros da equipe, que marcarão um encontro para esclarecimento e apresentação do material. O e-mail da pesquisadora responsável para maiores detalhes é crisvj@uerj.br.
- Sua identificação será mantida como informação confidencial e sigilosa. Os resultados do estudo serão apresentados e publicados sem revelar a sua identidade ou de outro participante. Os registros, entretanto, estarão disponíveis para uso exclusivo da pesquisa.
- Ressaltamos que em nenhum momento realizaremos qualquer tipo de avaliação sobre sua atuação específica, ou forma de pensar a leitura ou o ensino de espanhol, pois estamos interessados na discussão do processo leitor em espanhol mediado por computador de uma forma mais ampla e geral.

Eu..... abaixo assinado(a)

concordo em participar voluntariamente desta pesquisa. Declaro que li e entendi todas as informações referentes a este estudo e que todas as minhas perguntas foram adequadamente respondidas pela equipe da pesquisa.

B. Fragmento do modelo de questionário

Prezado informante,

Este questionário tem como objetivo coletar dados sobre sua relação com a Internet, enquanto leitor e professor/aprendiz de língua espanhola. Sua participação em nosso estudo é muito importante, por isso, lhe pedimos toda a atenção e sinceridade ao responder as questões propostas. Fique seguro de que será mantido total sigilo sobre sua identidade e informações aqui contidas. Para qualquer esclarecimento, entre em contato com os pesquisadores pessoalmente ou por seus e-mails.

Muito obrigada.

Após ler as frases a seguir, informe se **“não está de acordo com elas”**, ou se **seu grau de concordância é “baixo”, “regular”, “alto” ou “total”, usando os números de 1 a 5, respectivamente**, conforme as tabelas a seguir.

Assertivas	Não concordo (1)	Concordo pouco (2)	Concordo mais ou menos (3)	Concordo muito (4)	Concordo totalmente (5)	Não quero opinar a respeito (X)
A navegação na Internet exige da pessoa ser um leitor eficiente.						
Para compreender um texto é preciso entender todas as suas palavras.						
Um leitor eficiente reflete sobre o conteúdo do texto, relacionando-o ao que já se conhece, para chegar às suas próprias conclusões.						
Não costumo usar a Internet, nem os computadores para ler; imprimo tudo antes.						
A leitura na tela do computador é muito mais fácil e interessante que em papel; motiva mais porque é mais variada.						

C. Roteiro de composição do questionário:

Roteiro para organização de assertivas para questionário de coleta de dados
Pesquisa Interleituradas: monitoramento do processo leitor mediado por computador e Internet

1. Orientações à equipe para a formulação de assertivas:
 - Nunca colocar mais de um conceito numa única assertiva.
 - Fazer assertivas curtas, sem muita subordinação.
 - Fazer formulações claras, de entendimento sem ambiguidade.
 - Montar ou retirar de textos já publicados e consagrados na área acadêmico-científica em estudo assertivas com sentido completo em si. Se for o caso, a frase deve ser complementada ou reformulada pela união de recortes de fragmentos do texto fonte.
 - No caso de assertivas de conceitos, indicar o autor e o ano ao final, entre parênteses. Incluir no final do formulário a bibliografia consultada.
 - No caso de assertivas de caráter prático (uso de computador ou hábitos leitores) usar os mesmos critérios de calreza para elaborar as afirmações, que serão validadas no piloto.
2. Áreas e campos temáticos para as assertivas:

A – Área temática 1: leitura

Conceito de leitura:

Estas assertivas serão retiradas de textos publicados nas áreas de lingüística, ensino de línguas, educação, psicologia e afins, relacionados ao tema e deverão ter caráter teórico, descritivo da caracterização do processo leitor. Se forem em língua estrangeira, deverão ser traduzidas. Além da bibliografia indicada pela orientadora, cada pesquisador deverá buscar novos textos fonte, preferentemente, com menos de 5 anos de publicação, com exceção dos clássicos do assunto, como Angela Kleiman e Luiz Paulo Moita Lopes.

Assertivas sobre:

- leitura como um processamento unidirecional da informação (decodificação ou centrada no leitor);
- leitura como um processamento multidirecional da informação (ponto de vista sócio-interacional ou enunciativo);
- um conceito ampliado de leitura (sons e imagens)

Prática de leitura:

Estas assertivas estão voltadas para o conhecimento dos hábitos do leitor informante. Portanto, devem referir-se ao campo do fazer. Para facilitar a resposta, serão separadas por pequenos blocos, nos quais haverá um comando de entrada e, então, as diversas opções, com os graus de frequência. Se for o caso, os itens sugeridos abaixo serão subdivididos. É importante, durante a leitura para coletar conceitos, observar as descrições que os autores fazem sobre as práticas dos leitores estudados em suas pesquisas. Daí podem sair sugestões sobre itens para estes tópicos.

Assertivas sobre:

- Objetos de leitura;
- Finalidades de leitura;
- Frequência de leitura;
- Prática leitora em língua estrangeira.

B - Área temática 2: práticas mediadas por computador

Aqui se observarão, como na prática de leitura, aspectos pertinentes ao uso que o entrevistado faz do computador. Portanto, formular um comando que reúna um grupo de assertivas relacionadas pode ser muito útil para tornar mais claro o instrumento.

Assertivas sobre:

- Relação usuário/bem tecnológico (se possui a máquina, de que tipo, se tem acesso à Internet, etc)
- Finalidades de uso;
- Frequência de uso;
- Programas utilizados;
- Proficiência no uso de computador, programas e periféricos.

C – Área temática 3: Leitura mediada por computador

Neste item, tal qual no de conceituação de leitura, serão retiradas frases de teóricos sobre o tema. Essas frases se referirão tanto ao ambiente virtual e aos textos caracteristicamente digitais, como aos procedimentos no uso de computadores. Apenas serão tratados como gerais e não específicos de cada usuário entrevistado. Para os usos particulares estão os itens dos temas anteriores e seguintes.

Assertivas sobre aspectos conceituais relacionados a:

- Equivalência entre leitura virtual e impressa;
- Conceito de hipertexto;
- Caracterização da leitura em espaço virtual – especificidades do suporte.

Assertivas sobre aspectos de prática leitora dos informantes mediada por computador relacionados a:

- Finalidades da leitura em computador;
- Momentos de leitura;
- Modos de leitura;
- Especificidades da atividade leitora mediada por computador;
- O que dificulta e o que facilita essa prática;
- Detalhes da leitura em LE.